

## ***“A menina do lugar - Cafurna”: metodologia de criação de livros infantis ilustrados***

## ***“The girl from the place - Cafurna”: methodology for creating illustrated children's books***

Tharcila Leão<sup>1</sup>

Juliana Aguiar<sup>2</sup>

**RESUMO:** O artigo em questão visa apresentar o processo metodológico de criação do livro intitulado “A menina do lugar: Cafurna”. O livro, resultante de um projeto extensionista realizado entre os anos de 2023 e 2024, foi desenvolvido por docentes e discentes do Curso de Design de Interiores do Instituto Federal de Alagoas - Campus Maceió. O projeto em questão teve como objetivo contribuir com a disseminação da história e da cultura de lugares alagoanos através da criação de livros ilustrados que valorizam o Patrimônio Cultural por meio de ações educativas realizadas na Escola Estadual Mata da Cafurna, povoado indígena do município de Palmeira dos Índios, Alagoas. A metodologia empregada, interativa e participativa, foi embasada na Teoria das Representações Sociais, previu visitas técnicas ao povoado indígena com o objetivo de promover um momento de escuta de relatos locais e atividades educativas com as crianças da escola contemplada pelo projeto, a fim de construir e apreender os referenciais histórico culturais locais sob o ponto de vista infantil, além da identificação de elementos visuais do lugar, que agregam notoriedade ao desenvolvimento do projeto. Constatou-se que a metodologia utilizada foi eficiente e que a ação tem um potencial multiplicador à medida que possibilita sua replicação em outros

---

<sup>1</sup> Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFAL 2018), mestre pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano (MDU - UFPE, 2010), especialista em Iluminação e Design de Interiores (UCB-RJ, 2010) e Arquiteta e Urbanista (UFAL, 2004). Atualmente é professora do Curso Superior de Tecnologia em Design de Interiores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas (IFAL) e Artesanato (PROEJA). Atua como pesquisadora do grupo de pesquisa DESÍGNIO, vinculado ao Curso Superior de Tecnologia em Design de Interiores do IFAL. Desenvolve estudos na área de Design de Interiores, Ergonomia e Patrimônio Histórico e Cultural. E-mail: tharcila.leao@ifal.edu.br

<sup>2</sup> Possui Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas (PPGAU/UFAL), em 2018. Especialista em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário - CESMAC, em 2004. Em 1996, graduou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Alagoas. É docente nos Cursos de Design de Interiores e Técnico em Artesanato - PROEJA no Ensino Básico Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Alagoas, IFAL, Campus Maceió. E-mail: juliana.aguiar@ifal.edu.br



loais. Constatou-se também que a democratização da educação é fundamental para a formação de sujeitos multiplicadores que entendem a importância de salvaguardar o Patrimônio Cultural existente em cada lugar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação para o patrimônio; Cultura alagoana; literatura infantil; história indígena.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao reconhecer e valorizar as experiências vivenciadas por sujeitos diversos, estamos proporcionando a eles a oportunidade de se sentirem ouvidos e de terem suas perspectivas levadas em consideração, contribuindo para o desenvolvimento de sua autoestima, confiança e autoconhecimento. De acordo com Freire (2002) “respeitar a leitura de mundo do sujeito significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento” e, a partir dela, introduzir novas linguagens que possam contribuir com a ampliação de seu olhar sobre o mundo, possibilitando inúmeras leituras de um mesmo contexto.

Observa-se que a diversidade das linguagens como forma de expressão provoca no processo de ensino e aprendizagem diferentes visões de mundo, experiências e saberes, ampliando a riqueza cultural e a capacidade de comunicação, alimentando a criatividade em diversos campos como a literatura, a música, as artes visuais, a ciência e a tecnologia. Essa multiplicidade impulsiona o desenvolvimento de novas ideias, soluções e perspectivas. Com base no exposto, pode-se afirmar que as práticas educativas desenvolvidas no âmbito da sala de aula e no interior das instituições de ensino podem extrapolar os limites físicos de suas fronteiras, promovendo o bem-estar social, o desenvolvimento sustentável, a inclusão social, a difusão cultural, entre outros temas relevantes. Além disso, pode-se perceber que a busca cotidiana por elementos referenciais que nos levam a refletir a respeito de nossos costumes, tradições e referências culturais exige um exercício constante de superação de limites, pois a partir desse conjunto em que estamos inseridos somos capazes de criar propostas inovadoras cheias de simbologias e referências ideológicas, reflexos da ambiência que nos envolve.

Nesse sentido, no Compromisso de Brasília, firmado em abril de 1970, já existia uma preocupação em inserir nos currículos escolares a temática do conhecimento da cultura local e



consequente preservação do Patrimônio Cultural (IPHAN, 1970). De forma complementar, a Lei N. 11.645 de 10 de março de 2008 determina como obrigatório o estudo da história e da cultura afro-brasileira e indígena no ensino fundamental e médio das instituições públicas e particulares. No entanto, diante da diversidade cultural no Brasil, um material didático que aborde as particularidades de cada lugar é escasso e, muitas vezes, inexistente. Porém, pode-se afirmar que é de suma importância promover ações que visem à aproximação das crianças das escolas municipais e estaduais às particularidades da cultura local de cada estado.

No que diz respeito à temática indígena, o material didático existente no mercado não contempla a diversidade cultural e perpetua preconceitos e estereótipos (De Lira, 2022). Em outros casos, por diversas vezes os docentes realizam pesquisas em meios digitais e elaboram conteúdos de forma improvisada ou, em algumas situações, esses conteúdos não são abordados. De acordo com De Lira (2022), o material didático que representa os indígenas em sua realidade local, com suas particularidades, proporciona uma maior identificação e auxilia na ruptura de estereótipos que acabam por distanciar os alunos desses povos. Diante do exposto, o presente artigo pretende discorrer sobre a metodologia aplicada no processo de criação do livro infantil ilustrado “A menina do lugar: Cafurna”, que, sob a luz da Teoria das Representações Sociais, considerou os aspectos culturais locais de um aldeamento indígena alagoano e contou com a participação da comunidade local na construção da história.

O livro conta a história de uma menina que vai visitar sua tia-avó no povoamento indígena Mata da Cafurna, localizado no município de Palmeira dos Índios, no interior do estado de Alagoas, e lá conhece Cafurna, a menina do lugar. Com o decorrer da história, a menina do lugar vai narrando os aspectos históricos e culturais de seu lugar.

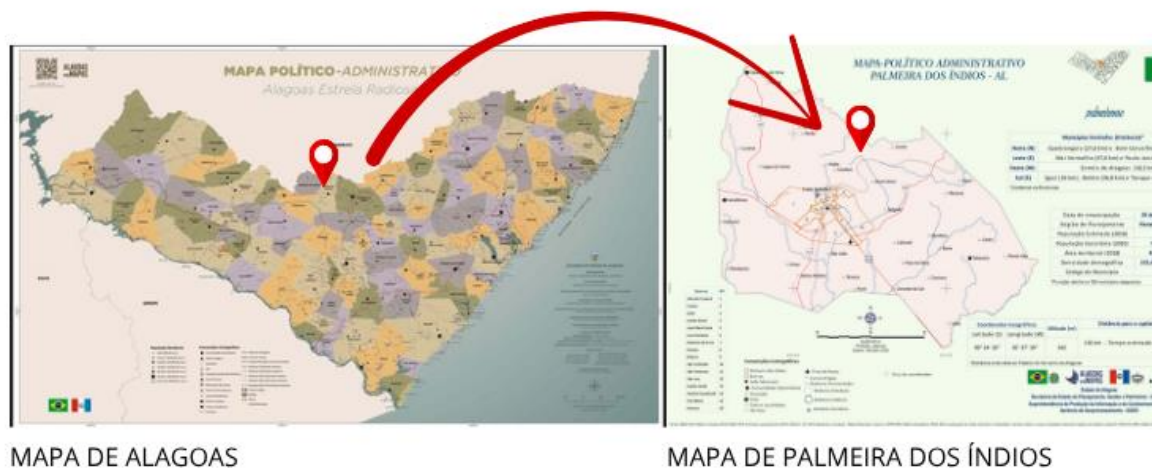
## **2 O LUGAR: MATA DA CAFURNA**

O livro “A menina do lugar: Cafurna” originou-se do Projeto de Extensão “A menina do lugar” desenvolvido nos anos de 2022 e 2023 por docentes e discentes do Curso de Design de Interiores do Instituto Federal de Alagoas (Ifal) - Campus Maceió. Esse projeto extensionista teve como objetivo contribuir com a disseminação da história e da cultura de lugares alagoanos através da criação de livros ilustrados que valorizavam o Patrimônio Cultural a partir do olhar de um personagem feminino infantil: “a menina do lugar”.



O aldeamento indígena Mata da Cafurna, da etnia Xucuru-Kariri, está localizado na zona rural, a 5 km da cidade de Palmeira dos Índios - Alagoas, numa região serrana de clima frio e úmido, típica do bioma de Mata Atlântica primitiva (Ver Figura 1). A Mata da Cafurna possui uma área de 432,75 hectares de terras adquiridas em longos processos de retomada e abriga cerca de 150 famílias (Neves, 2019). O nome Mata da Cafurna tem o significado baseado na região de mata onde está inserida e na palavra cafurna, pois há relatos de que em tempos passados havia muitas furnas, esconderijos de onças, naquela região. Esses esconderijos também serviam de abrigos para os indígenas fugitivos (Rocha, 2024).

Figura 1 - Localização da Mata da Cafurna, no município de Palmeira dos Índios, Alagoas.



Fonte: Alagoas, 2025, editado pelas autoras.

A formação do aldeamento se deu por volta de 1979 com a ocupação de uma área pertencente à Prefeitura de Palmeira dos Índios por indígenas Xukuru-Kariri que habitavam a Aldeia Fazenda Canto. Desde então, a história da Mata da Cafurna é uma história de resistência e de manutenção das práticas culturais indígenas, que envolvem a caça, pesca, uso de ervas medicinais, artesanato, rituais e as práticas religiosas (Neves, 2019).

As práticas ancestrais continuam presentes nas atividades diárias dos habitantes da Mata Cafurna e reforçam o senso identitário daquele povo através de atividades artesanais, do cultivo e uso de ervas medicinais, conhecimento transmitido às crianças na escola (Santos e Souza, 2024). Além disso, dentro do território desse aldeamento indígena, seus habitantes definem a Mata, local secreto e preservado pelos indígenas, que mantêm uma relação íntima com o sagrado através do ritual do Ouricuri. Ainda com o sentido espiritual, existe a Serra Pelada, ponto mais alto do



aldeamento, território sagrado onde moram os Encantados, local marcado por práticas ritualísticas, unindo relações simbólicas e físicas (Neves, 2019).

Os indígenas ali residentes demonstram também uma grande consciência ambiental, especialmente na relação com a mata, visto que é dela que eles retiram a matéria-prima para produção de artesanato, para a construção de casas e para obtenção de alimentos e ervas medicinais. Nesse sentido, verifica-se que trabalhar a educação para o patrimônio nessa comunidade indígena pode colaborar para a manutenção dessas práticas culturais ancestrais a fim de que não se percam para as próximas gerações.

### **3. A EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO E A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO METODOLOGIA DE CRIAÇÃO DO LIVRO**

A Educação para o Patrimônio é um processo de mediação que permite a comunicação entre memória e patrimônio e pode ser realizado por agentes do serviço público ou por qualquer um que esteja envolvido em processos educacionais em espaços formais e não formais. Segundo o Art. 2º da Portaria nº 137, de 28 de abril de 2016 (IPHAN, 2016), a Educação para o Patrimônio se configura em “processos educativos, construídos de forma coletiva e dialógica, que têm como foco o patrimônio cultural socialmente apropriado como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais, a fim de colaborar para seu reconhecimento, valorização e preservação.” Este foi, portanto, o viés que norteou as ações educativas desenvolvidas no projeto, contribuindo para valorização, preservação e salvaguarda do patrimônio cultural da Mata da Cafurna.

Partindo da importância dessa construção e apropriação cultural, buscou-se na Teoria das Representações Sociais o aporte teórico para um conhecimento mais aprofundado sobre a comunidade local. Para Moscovici (2007), representações sociais são um conhecimento socialmente partilhado e elaborado que resulta em um saber do senso comum. No entanto, apesar de ser comum a um grupo social, não se pode afirmar que as representações sociais sejam consensuais, essas representações podem ser plurais e conter uma diversidade de expressões individuais dessas representações (Polli, Kuhnen, 2011). O uso dessa metodologia como ferramenta teórica e metodológica para projetos de Design mostrou-se eficiente por Monteiro e Campello (2013) e foi adaptada para o objetivo e o público-alvo em questão.

A partir da Teoria das Representações Sociais concluiu-se que a presença da comunidade no processo seria um fator primordial para a concretização do objetivo proposto pelo projeto. Sendo assim, a Escola Estadual Indígena Mata da Cafurna foi contactada a fim de selecionar 20 crianças



na faixa etária entre 10 e 12 anos para realizar as ações educativas propostas pelo projeto. Nesse sentido, destaca-se a metodologia desenvolvida e aplicada no decorrer do processo de seu desenvolvimento como a peça-chave para a execução da proposta, pois os métodos e técnicas empregados propiciaram uma aproximação com os sujeitos da ação, as crianças, auxiliando na construção do material desenvolvido. Além disso, acredita-se que a ação apresenta caráter inédito no âmbito local, pois não há indícios de ações semelhantes realizadas no local com a aplicação da metodologia desenvolvida.

Na primeira etapa metodológica, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a história, a cultura e o patrimônio da Mata da Cafurna. Nesse momento, identificou-se uma carência de trabalhos de conteúdo científico que abordassem as questões históricas e culturais do local. Para sanar este problema e iniciar uma aproximação da equipe do projeto com os habitantes, foi realizada uma entrevista de caráter aberto com pessoas da comunidade local.

Em seguida, foi realizada uma visita técnica à escola, onde foi possível ter um primeiro contato com as crianças. Essa visita teve como objetivo promover momentos de escuta de relatos locais e de atividades lúdicas com as crianças a fim de apreender os referenciais histórico-culturais do local sob o ponto de vista infantil. Nessa etapa trabalhou-se com 20 crianças que foram estimuladas a pensar e desenhar seus autorretratos, a partir do reconhecimento da diversidade existente no grupo, como tipo de cabelo, cor da pele, formato de olhos e bocas (Figura 2). Essa atividade teve como objetivo não apenas o respeito às diferenças, mas, sobretudo, o entendimento de que cada identidade é resultado da construção individual e coletiva de cada sujeito. Nesse sentido, buscou-se o fortalecimento da autoestima de cada criança como ser individual e único dentro daquela comunidade. Em seguida, foi proposto um momento lúdico com a apresentação de seus desenhos para todos os presentes, onde tiveram a oportunidade de estimular o autoconhecimento e a autoestima, exercitando a inclusão e a democratização através da valorização de suas características físicas e cognitivas (Figura 3).

Logo após, as crianças foram estimuladas a pensar e desenhar os locais mais representativos da Mata da Cafurna de acordo com o ponto de vista e a vivência de cada uma delas, promovendo um momento de interação a partir do sentimento de pertencimento de cada criança ao lugar. Entende-se aqui o pertencimento como a partilha de características, vivências e experiências com outras pessoas da mesma comunidade e que desenvolve o que é chamado senso ou sentimento de pertencimento (Figura 4).



Figura 2 - Elaboração do auto retrato



Fonte: autoras, 2023.

Figura 3 - Apresentação dos desenhos



Fonte: autoras, 2023.

Figura 4- Elaboração dos lugares representativos



Fonte: autoras, 2023.

Para Bauman (2005, p.17) o pertencimento e a identidade não são imutáveis e eternos, as ações e decisões do indivíduo, os caminhos que percorre são fatores cruciais para a manutenção do pertencimento e da identidade de uma comunidade. O autor enfatiza ainda que as identidades “flutuam” no ar e são influenciadas pelo meio em que vivemos. Nesse sentido, as crianças, ao serem estimuladas a desenhar os locais mais importantes de sua comunidade, expressaram o sentimento de pertencimento em desenhos que retratavam os lugares que marcavam a sua identidade. Esses desenhos mostravam elementos referenciais e representativos dentro do contexto sociocultural onde estavam inseridos, tais como, por exemplo, a mata onde colhiam seus alimentos e ervas medicinais e a escola onde estudavam, que tem uma importância histórica e é considerada um símbolo de resistência. Ressalta-se que na maioria dos desenhos a vegetação, em forma de árvores e flores, sempre era representada de forma destacada, em tamanho maior que os demais elementos do desenho, demonstrando o destaque e a importância dada à vegetação pelas crianças (Figuras 5 e 6).

Na sequência, foram realizadas visitas aos principais pontos de interesse levantados na pesquisa e aos locais citados pelas crianças. Cabe salientar que a visita dos integrantes da equipe

limitou-se aos locais de acesso permitido aos não indígenas. Nesse momento foi realizado um levantamento fotográfico que possibilitou a identificação de elementos visuais do lugar, tais como marcos edificados, cores, texturas, fauna e flora, entre outros elementos que agregaram notoriedade ao desenvolvimento do projeto. Após a organização e sistematização do material coletado, deu-se início à criação do texto e dos personagens.

Figura 5 - Desenho elaborado por criança da escola representando a presença marcante da vegetação.



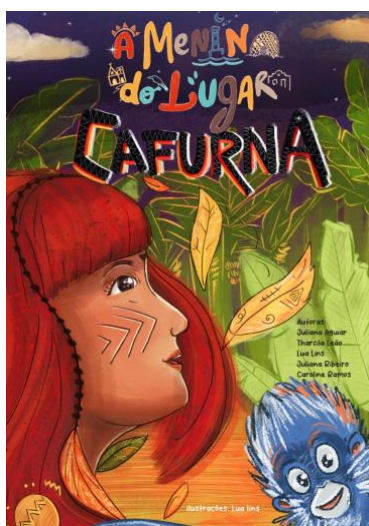
Fonte: acervo das autoras, 2024

Figura 6 - Desenho elaborado por criança da escola representando a sua casa e a vegetação ao redor.



Fonte: acervo das autoras, 2024

Figura 7 - Capa do livro



Fonte: autoras, 2024

Figura 8 - Entrega dos livros na escola



Fonte: autoras, 2024



Como etapa final, após a conclusão do material e impressão do livro foi realizada uma visita de retorno à escola para entrega de um exemplar para cada criança que participou do projeto e para realização de atividades lúdicas (Ver Figuras 6 e 7). Além disso, a escola recebeu um kit contendo um livro e jogos que poderão ser utilizados posteriormente em atividades escolares de apoio, tais como jogo da memória e quebra-cabeças.

#### 4 CRIAÇÃO DOS PERSONAGENS

A escolha da figura de uma menina para representar o personagem principal do livro evoca a representação feminina muito presente na narrativa das crianças que fizeram parte do projeto e as lideranças locais personificadas na avó artesã e mezinheira da menina Cafurna e em sua prima Yara, com sua voz doce que entoia o rojão e suas mãos tingidas de jenipapo, por exemplo (Ver Figuras 9 e 10). Nesse sentido, trazer a figura da “menina do lugar” como a contadora da história é a afirmação de uma representação social que ressalta a importância dessas figuras simbólicas que valorizam a cultura e o repasse de saber dos locais onde moram, levando para as gerações futuras os ensinamentos e conhecimentos de seus ancestrais.

A criação da personagem principal do livro, a menina Cafurna, aconteceu de forma coletiva a partir dos desenhos feitos pelas crianças, que serviram como base e inspiração. Elementos como a cor da pele, diferentes tipos de cabelo e penteado, traços do rosto e estilo de vestir que foram representados nos desenhos foram transpostos e adaptados para os personagens das histórias. Um elemento bastante marcante e citado pela maioria das meninas que participaram do projeto foi o cabelo. Desta forma, a personagem principal do livro foi desenhada tendo o cabelo como um ponto forte e marcante: cabelos lisos e vermelhos como a cor do barro encontrado na região. A menina tem o rosto e uma das mãos com pinturas feitas com jenipapo e usa um vestido em tom de verde e acessórios feitos com sementes e penas, reproduzindo o que é utilizado pelas crianças do lugar. Além disso, Cafurna tem um pequeno macaco chamado Tinoco no ombro, animal muito comum na região, e que a acompanha durante todo o enredo do livro (ver Figura 11). Cabe salientar que se evitou seguir o padrão de estereótipo indígena veiculado comumente, que remete a cabelos sempre pretos, poucas vestimentas e excesso de penas nas vestes e nos acessórios.



Figura 9 - Avó da Cafurna.



Fonte: Aguiar *et al.*, 2024.

Figura 10 - Yara, prima da Cafurna.



Fonte: Aguiar *et al.*, 2024.

Figura 11 - menina Cafurna



Fonte: Aguiar *et al.*, 2024.

Figura 12 - Pajé Antônio Celestino



Fonte: Aguiar *et al.*, 2024.

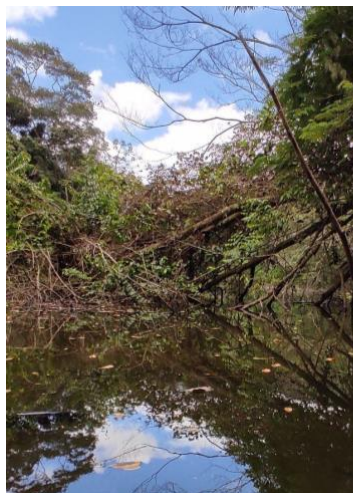
Além disso, pessoas importantes para a manutenção da história e da cultura local também foram transformadas em personagens, como o Pajé Antônio Celestino, considerado patrimônio vivo do estado de Alagoas desde o ano de 2021 (Figura 12).

## 5 CRIAÇÃO DA HISTÓRIA E DAS ILUSTRAÇÕES

Para a criação da história e das ilustrações do livro, partiu-se da ideia de lugar de Tuan (2013) como um espaço apropriado pela comunidade, repleto de significados, afetos, memórias e pertencimento. Para isso, a escuta atenta aos relatos das crianças e a visita aos locais listados por elas foram essenciais para o desenvolvimento do livro.

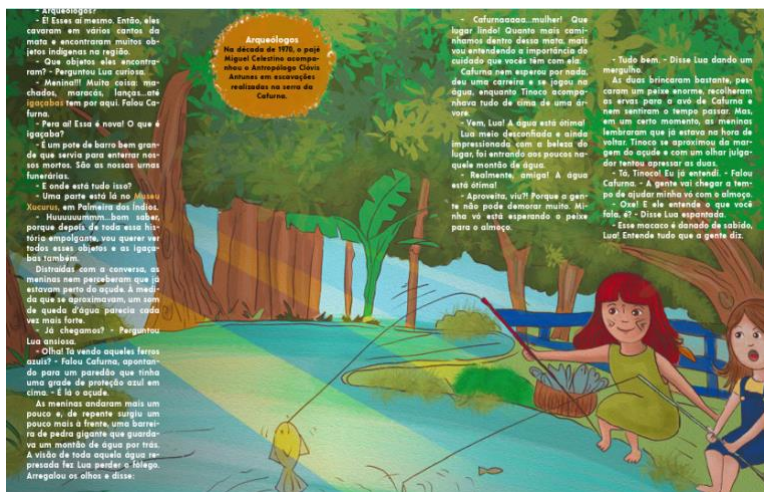
Toda a história do livro se passa no aldeamento Mata da Cafurna e tem início quando uma menina chamada Lua chega no local para visitar sua tia-avó. As duas meninas se conhecem e Cafurna leva Lua para conhecer o povoado. A história transcorre a partir de um percurso a pé pelo povoado, percurso que faz parte da vivência diária das crianças locais, onde Cafurna vai apresentando a Mata da Cafurna e contando um pouco da história do lugar. Desta forma, os lugares mais representativos citados ou desenhados pelas crianças foram inseridos no enredo, tais como o açude onde costumam brincar e pescar (Figuras 13 e 14) e a escola que frequentam (Figuras 15 e 16).

Figura 13 - Foto do açude.



Fonte: autoras, 2023.

Figura 14 - Ilustração representando uma cena no açude.



Fonte: Aguiar *et al.*, 2024.

Figura 15 - Foto da escola.



Fonte: autoras, 2023.

Figura 16 - Ilustração representando uma cena na escola.



Fonte: Aguiar *et al.*, 2024.

Outros elementos característicos do lugar como a cor e o tipo da vegetação predominante, tais como bananeiras e jaqueiras e os marcos edificados, como a Oca de *Idyarruri*, onde os indígenas costumam se reunir para brincar, cantar e dançar o toré (Ver Figuras 17 e 18), também foram tomados como referência para a criação das ilustrações .



Figura 17 - Foto da Oca de *Idyarruri*



Fonte: autoras, 2023.

Figura 18 - Ilustração do livro representando uma cena na Oca de *Idyarruri*.



Fonte: Aguiar *et al.*, 2024.

Apesar de abordar aspectos relativos à história da criação do povoado, o livro também retrata vivências atuais, como brincadeiras, pois para De Lira (2022), abordar a história indígena a partir da História Contemporânea pode deixar o conteúdo mais atrativo e próximo da realidade dos discentes. Desta forma, a prática cotidiana, as tradições e vivências diárias vão sendo contadas de forma lúdica para as crianças, buscando reforçar nelas o senso de pertencimento e o interesse pela manutenção de sua identidade.

## 5 CONCLUSÕES

A escassez de material didático que aborda a história e as particularidades de cada lugar de um país tão diverso como o Brasil é evidente. No que diz respeito à temática indígena, o material didático existente no mercado não contempla a diversidade cultural e, muito comumente, perpetua preconceitos e estereótipos. Diante do exposto, é de suma importância que seja fomentada a produção de materiais que abordem a realidade local e as particularidades de cada comunidade, especialmente dos povos indígenas, tão importantes para a nossa história e cultura, possibilitando uma maior identificação com nossa cultura e rompendo com estereótipos amplamente divulgados.

A metodologia utilizada na criação do livro “A menina do lugar: Cafurna” demonstrou-se eficaz e mostrou abrangência e amplitude a partir da elaboração e apresentação dos autorretratos, que destacaram a diversidade de cores de pele, cabelos e traços físicos dos atores envolvidos, impactando no reconhecimento de seu lugar como pessoa no coletivo e a consequente valorização de suas características físicas e cognitivas.

O retorno à Escola Estadual Indígena Mata da Cafurna, com a entrega dos livros para as crianças, mostrou o quanto elas se sentiram representadas e valorizadas quando ouviram a história de seu lugar contada, escrita e ilustrada a partir de suas referências, seu tom de pele, dos lugares representativos, da culinária local e outros elementos que foram tomados como referencial.

Comprovou-se que essa metodologia interativa e participativa possibilitou a sensibilização por parte das crianças e da gestão da escola que passou a utilizar o material como ferramenta de repasse de conhecimento e afirmação do coletivo na medida em que se constroem multiplicadores das ações educativas em prol do patrimônio cultural, podendo ainda gerar o despertar do poder público para propostas de políticas públicas que fomentem a Educação para o Patrimônio dentro das escolas. Além disso, o retorno à escola mostrou o potencial multiplicador da ação, pois as crianças se tornaram ferramentas importantes quanto à disseminação do Patrimônio Cultural local, levando para dentro de suas casas e de seu núcleo familiar a história de seu lugar, o qual foi peça importante para sua criação.

Constatou-se também que a democratização da educação é fundamental para a formação de sujeitos multiplicadores que entendem a importância de salvaguardar o Patrimônio Cultural existente em cada lugar. Essas ações promovem a igualdade racial a partir do momento em que as crianças se sentem representadas nos personagens que foram construídos com base em suas narrativas, experiências e características.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Juliana; LEÃO, Tharcila; LINS, Lua; RIBEIRO, Juliana; RAMOS, Caroline. **A menina do lugar**: Cafurna. Ifal, 2024.
- ALAGOAS em dados e informações. Disponível em <http://www.dados.al.gov.br/>. Acesso em jun.2025.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2005.
- DE LIRA, Denise Batista. O ensino da temática indígena e a história contemporânea na sala de aula. **Mneme-Revista de Humanidades**, v. 23, n. 46, 2022.
- DA ROCHA, Marcondes Silva; BEZERRA, José. Religião, contexto, sagrado e pertencimento: povo indígena Xukuru-Kariri. **Debates em Educação**, v. 16, n. 38, p. e15876-e15876, 2024.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- IPHAN. **Portaria nº 137, de 28 de abril de 2016**. Estabelece diretrizes de Educação Patrimonial no âmbito do Iphan e das Casas do Patrimônio. Diário Oficial da União. Brasília, DF. Nº 81, sexta-feira, 29 de abril de 2016.
- MONTEIRO, Maria Carolina Maia; CAMPELLO, Silvio Romero Botelho Barreto. Teoria das Representações Sociais como ferramenta metodológica nos processos de Design. **InfoDesign-Journal of Information Design**, v. 10, n. 3, p. 274-292, 2013.





MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais:** investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NEVES, Mary Hellen Lima das. **Os índios Xucuru-Kariri na Mata da Cafurna em Palmeira dos Índios:** relações socioambientais no semiárido alagoano (1979 a 2016). Dissertação de Mestrado em História. Programa de Pós Graduação em História - Universidade Federal de Alagoas, 2019.

POLLI, Gislei Mocelin; KUHNEN, Ariane. Possibilidades de uso da teoria das representações sociais para os estudos pessoa-ambiente. **Estudos de Psicologia** (Natal), v. 16, p. 57-64, 2011.

ROCHA, Marcondes Silva da. **Educação escolar indígena Xucuru-Kariri em Palmeira dos Índios:** identidade e pertencimento. Dissertação de Mestrado Profissional em Culturas Africanas, da Diáspora e dos Povos Indígenas - PROCADI, UPE, Garanhuns, 2024.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** A perspectiva da experiência. Scielo-eduel, 2013.

WAMSER, Angelita de Cássia Fernandes et al. **Identidade e pertencimento:** um diagnóstico do ensino dos conteúdos locais nos anos iniciais da rede municipal de educação de Capão da Canoa (RS), 2022.

Recebido em: 30 de junho de 2025

Aprovado em: 17 de outubro de 2025.